

Papa Francisco: uma década latino-americana no pontificado

Pope Francis: A Latin American Decade in the Pontificate

Luiz Carlos Susin
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Resumo

O presente artigo trata do conjunto do pontificado do Papa Francisco sob a ótica da sua condição latino-americana, especialmente a opção preferencial pelos pobres da tradição eclesial latino-americana, examinando o quanto desta origem está em seu governo de toda a Igreja. Examina seu programa, a prioridade da evangelização e a resistência do clericalismo *ad intra*. Aprofunda a compreensão do exercício do poder que está na base do clericalismo e dos diversos abusos que vieram afetando a Igreja, e reflete sobre o que pode ser o ministério e exercício do poder em uma Igreja sinodal. Do ponto de vista da relação com o mundo contemporâneo, *ad extra*, o artigo enfatiza sua colaboração a um mundo de paz e fraternidade, e pontua de modo especial a superação da religião em direção a uma fraternidade de todos, e alguma superação do antropocentrismo por uma visão positiva de todas as criaturas e pelo cuidado ecológico. Finalmente, examina algumas tensões e situações ainda abertas. O método será analítico, com algumas reflexões de caráter fenomenológico.

Abstract

This article deals with the pontificate of Pope Francis from the perspective of his Latin American condition, especially the preferential option for the poor of the Latin American ecclesial tradition, examining how much of this origin lies in his government of the entire Church. It examines its program, the priority of evangelization and the resistance of *ad intra* clericalism. It deepens the understanding of the exercise of power that is at the base of clericalism and the various abuses that have been affecting the Church, and reflects on what the ministry and exercise of power can be in a synodal Church. From the point of view of the relationship with the contemporary world, *ad extra*, the article emphasizes its collaboration to a world of peace and fraternity, and points out in a special way the overcoming of religion towards a fraternity of all, and some overcoming of anthropocentrism by a positive view of all creatures and ecological care. Finally, it examines some tensions and situations that are still open. The method will be analytical, with some phenomenological reflections.

Palavras-chave

Papa Francisco.
Evangelização.
Clericalismo.
Sinodalidade.
Governo da Igreja.

Keywords

Pope Francis.
Evangelization.
Clericalism.
Synodality.
Church
Government.

Introdução

O Papa Francisco levou sensibilidade latino-americana ao pontificado e lembra, sob certos aspectos, o Papa João XXIII. Com Francisco a Igreja está sendo provocada a uma segunda recepção do maior evento da Igreja nos tempos modernos, o Concílio Vaticano II convocado por João XXIII. E o *kairós* chamado Francisco se constitui de três vias que se encontram: a sua condição

latino-americana, a sua formação jesuítica e o seu coração franciscano. Estas características já marcam a década 2013-2023.

Vamos explorar aqui, na forma deste artigo: (1) alguns traços do programa que Francisco apresentou em *Evangelii Gaudium* (doravante *EG*), especialmente o chamado à evangelização e à forma da evangelização; (2) os desdobramentos *ad intra* no desafio da sinodalidade e na “conversão” da hierarquia à sinodalidade, tratando especialmente do problema histórico e antropológico do exercício do poder; (3) os desdobramentos *ad extra*, tanto no diálogo aberto com a sociedade, especialmente com as tradições religiosas, em torno de uma amizade e uma fraternidade universal e pacífica (*Fratelli Tutti*, doravante *FT*), como o chamado e a fundamentação cristã para o engajamento no cuidado com a Criação (*Laudato Si'*, doravante *LS*); (4) algumas interrogações provocadas pela distância entre o programa, as intervenções de Francisco, e algumas realidade eclesiais indicando que os processos são realmente longos e estão em aberto.

Uma estranha familiaridade: um Papa verdadeiramente latino-americano

A Igreja Católica na América Latina e Caribe, foi sacudida, desde a Assembleia de Medellín (1968), pela realidade e pela fidelidade ao Evangelho relido desde este *lugar teológico*, a América Latina. Desse encontro com sua própria realidade emergiu a opção pastoral preferencial pelos pobres e sua libertação (desde Medellín), uma eclesiologia que ressoou e inculturou o Concílio em palavras chaves como “comunhão e participação” (Puebla), inculturação (Santo Domingo), Igreja de discípulos e missionários (Aparecida). A linguagem, os ensinamentos, os gestos, as decisões do novo Papa, desde o balcão da basílica no dia 13 de março de 2013, soam de forma familiar, é em boa medida a voz da Igreja latino-americana elevada ao pontificado. Se nossa geração latino-americana pós-conciliar não conseguia imaginar tal *kairós*, também não pode se permitir imaginar que na sucessão teremos novo Papa latino-americano. Nos longos tempos da Igreja, a repetição desta surpresa - é

uma convicção - não será para os próximos tempos. Por isso, o tempo da Igreja latino-americana no pontificado, na Igreja universal, é hoje.

Por séculos a América Latina foi - e de certa forma ainda continua - um continente colonizado, com parte importante da Igreja Católica abençoando o sistema colonial e escravagista. E internamente, em seu sistema eclesial, com ritos e doutrina, com hierarquia e moral, tentou, mesmo nem sempre conseguindo, ser uma Igreja “reflexo” (VAZ, 1968), espelho do movimento que a Igreja fazia na Europa, ainda que por lá os motivos fossem estritamente europeus, como a reforma protestante e a modernidade iluminista, agnóstica e anticlerical. Disso já sabemos bem. O que aconteceu na segunda metade do século XX foi uma verdadeira transformação da Igreja, no contexto das lutas de transformação das sociedades latino-americanas, justamente o título dos documentos de Medellín. Hoje, mesmo carregando contradições internas, em uma história de contradições que podem ser compreendidas em seu contexto - ainda que isso não significa que sejam justificadas - a Igreja na América Latina teve seus “Santos Padres da Igreja” que ajudaram a encontrar sua originalidade fiel ao evangelho (SCATENA; SOBRINO; SUSIN, 2009). A relação com a Igreja na Europa, especialmente com a Santa Sé em Roma, tornou-se menos subserviente e cada vez mais dialogal, com as tensões que esta transformação comporta. Até chegarmos ao estupor do anúncio de 13 de março de 2013, a eleição do primeiro Papa latino-americano.

Francisco é o primeiro Papa que, ao invés de ser “Padre conciliar”, é somente “filho do Concílio”. Comparando com migrantes e nativos digitais, se pode afirmar, com as devidas consequências, que os Papas anteriores todos eram “migrantes conciliares”, portando resíduos do paradigma tridentino e barroco pré-conciliar, ainda que marcados pelo esforço de renovação que desaguou no Concílio. Francisco é “nativo conciliar”, movendo-se com mais liberdade e convicção a partir da linha de fundo traçada pelo Concílio. Portenho, formou-se e conviveu com as marcas híbridas de migrantes europeus e migrantes nativos, indígenas, de que é feita a história de Buenos Aires - com o senso do trágico do tango e da psicanálise, por um lado, e o humor relativizante e às vezes cáustico, por outro. Bem inserido na vida social

e no trabalho profissional em sua juventude, abraçou uma formação e uma biografia jesuíta em que o discernimento não foi só uma característica inaciana teórica, mas um exercício dramático em tempos de ditadura. Como bispo em sua cidade natal, começou sua pastoral episcopal a partir das grandes periferias, e só dali foi levado ao centro. Esse movimento e essa ordem não são neutras. Ele acompanhou de perto a dramaticidade das crises econômicas, sobretudo no começo do século, e da corrupção infiltrada nas camadas mais sofisticadas da sociedade (BERGOGLIO, 2005).

É assim que o então Cardeal Bergoglio chega a Aparecida como um dos seus protagonistas e, na presidência da equipe de redação do documento, certamente medita, examina, discerne, cada parágrafo desse documento. É sobretudo Aparecida que Bergoglio, feito Papa Francisco, leva ao pontificado.

Para quem está comprometido desde os tempos do Concílio e Medellín com o caminho da Igreja na América Latina - e o trabalho com teologia, eclesiologia, pastoral, faz parte deste compromisso - se estava habituado a aceitar que em Roma, desde o pontificado, a voz vinda da periferia da Igreja poderia ser aceita ou não, poderia ser respeitada ou tolerada ou criticada ou simplesmente ignorada, e foi ignorada e criticada em uma porção de situações até constrangedoras. Mesmo com alguma dose de dissenso e perseverando com convicção, de modo geral também houve perseverança na lealdade católica ao magistério pontifício, e isso se revelou bem no cuidado para não levantar a voz em público, seja nos meios de comunicação social, seja também na pastoral popular. Pelo contrário, se buscou normalmente até um fio de alguma declaração pontifícia favorável para afirmar com a sua autoridade a unidade e a comunhão.

Com a chegada de Francisco ao sólio pontifício houve uma surpreendente “virada”, até de caráter epistemológico, junto com o novo lugar de origem - desde o “fim do mundo”, afirmou Francisco em suas primeiras palavras no balcão. Hoje a sensação é que a voz dessa periferia no fim do mundo está na praça de São Pedro, nas salas de recepção da Santa Sé, nas homilias, mas também e principalmente nos seus escritos e nas suas visitas, desde a sua primeira saída para a ilha de Lampedusa. E a cada visita,

a cada escrito, se alarga e se estende essa voz bem situada. De repente, a voz do Papa é extremamente familiar, a ponto de não mais parecer que ele esteja dizendo ou fazendo algo novo. Tem-se apenas a ansiedade para que aprofunde e estenda o que vem dizendo e fazendo. É *arrogância*, no sentido etimológico e moral da palavra? Não necessariamente. Não é vaidade, não é necessidade de autoafirmação, não se trata de disputas. Na verdade, é até estranho que isso esteja acontecendo, é como acordar de um sonho que nem sequer tínhamos sonhado. É, antes, alegria e esperança - pelos pobres que estão bem lembrados, pelos que se consideravam fora da Igreja por incompreensões dessas periferias sociais e existenciais, e também por incompreensões do Evangelho. Não nos deveria espantar que agora sejam os que se agarram aos resíduos pré-conciliares ou às estruturas hierárquicas já esclerosadas os que estão em dissenso. O que mais espanta, na verdade, é a agressividade aberta do dissenso, imprópria à habitual e tradicional lealdade católica, até nos meios de comunicação e na pastoral junto às comunidades católicas, e que este dissenso queira levantar um muro impossível em meio ao oceano que levou do fim de mundo para o centro o latino-americano Jorge Mário Bergoglio, constituído Papa Francisco.

Ad intra: converter-se à sinodalidade e sair para evangelizar.

Francisco levou ao pontificado a marca positiva da evangelização e da participação sinodal, mas recebeu em herança o problema candente dos vazamentos vaticanos na mídia, que relatavam corrupção na economia e a mais dolorosa questão dos abusos de poder sobre vulneráveis, a pedofilia. *Ad intra*, precisamos tratar do assunto positivo, a evangelização, e do enfrentamento do problema de fundo da corrupção e dos abusos de poder de todo tipo, o clericalismo.

Evangelização em sinodalidade com misericórdia e justiça.

A evangelização é posta claramente por Francisco em primeiro lugar, pela qual todos e todas na Igreja são incitados a *primeirar*: tomar iniciativas ousadas e criativas, e sair a evangelizar (EG 24). “Fazer um caminho juntos”

foi a afirmação que lhe saiu espontânea no balcão da basílica em sua apresentação após a eleição. Isso se converteria na sinodalidade em vista da evangelização, como testemunho e como forma de evangelizar. A celebração do cinquentenário da constituição pós-conciliar do Sínodo dos Bispos, em 2015, foi ocasião de uma lição sobre o governo sinodal da Igreja. Em seu discurso, insistiu na realidade básica essencial do Povo de Deus e nos ministérios hierárquicos, inclusive de Pedro, como uma “pirâmide invertida”.¹ Francisco alargou o método sinodal, através de um tempo maior, em mais etapas, para consulta e escuta do Povo de Deus. Assim também nos sínodos sobre a família, sobre a juventude. O Sínodo para a Amazônia se tornou um ensaio estruturante e um exercício que se consolidou, com mais de oitenta mil pessoas envolvidas e escutadas na região amazônica. Esse aprofundamento conciliar e sinodal da Igreja Povo de Deus tem sua concretude maior justamente no processo do sínodo sobre a sinodalidade da Igreja, ainda em curso. Deverá enfrentar uma tradição mais que milenar, a verticalidade monárquica da hierarquia e o Direito Canônico.

O programa do pontificado foi claramente exposto depois de nove meses de gestação, em novembro de 2013, como a Exortação Pós-sinodal correspondente ao Sínodo anterior à sua eleição, que tratou justamente da evangelização no mundo de hoje. Tanto o primado da evangelização como o modo sinodal do testemunho e da metodologia se encaixam perfeitamente. Ele falaria sobre evangelização, nos primeiros tempos, de forma espontânea, devendo o pastor “ter o cheiro” das ovelhas, misturar-se a elas, sem medo de se sujar, como também o teólogo é convidado a descer da sacada para elaborar sua teologia na rua, no meio do povo. Desde a América Latina não nos sentimos surpresos com as expressões decorrentes: “sair da autorreferencialidade” - em outras palavras, do *eclesiocentrismo* -, “Igreja em saída”, ser “discípulo-missionário”, etc. Há, no final do segundo capítulo

¹ “Nesta Igreja, como numa pirâmide invertida, o vértice encontra-se abaixo da base. Por isso, aqueles que exercem a autoridade chamam-se ‘ministros’, porque, segundo o significado original da palavra, são os menores no meio de todos. É servindo o Povo de Deus que cada bispo se torna, para a porção do Rebanho que lhe está confiada, *vicarius Christi*, [20] vigário daquele Jesus que, na Última Ceia, Se ajoelhou a lavar os pés dos Apóstolos (cf. *Jo* 13, 1-15). E, num tal horizonte, o Sucessor de Pedro nada mais é do que *servus servorum Dei*” (Discurso por ocasião da comemoração do cinquentenário da instituição do Sínodo. 17/10/2015).

da *Evangelii Gaudium* um parágrafo verdadeiramente antológico, bem ao estilo de Francisco:

Sentimos o desafio de descobrir e transmitir a ‘mística’ de viver juntos, misturar-nos, encontrar-nos, dar o braço, apoiarnos, participar nesta maré um pouco caótica que pode transformar-se numa verdadeira experiência de fraternidade, numa caravana solidária, numa peregrinação sagrada (EG 87).

Uma palavra que se tornou recorrente, insistente, enfática, não só por dizer, mas também em seus gestos, é a palavra *misericórdia*. A misericórdia é a postura básica da evangelização. Exortou inúmeras vezes por uma Igreja que prime pela misericórdia, na forma de ampla hospitalidade, sem julgamentos já estabelecidos e sem limitações prévias, sem “alfândega”, sem transformar o sacramento da reconciliação em tribunal. Uma prova delicada e coerente continua sendo o tratamento dado a pessoas LGBTQI+ e casais em segunda união. Francisco fez menção, já nos primeiros tempos, ao livro de Walter Kasper sobre a misericórdia (KASPER 2015), e se pode pressupor que já conhecesse o livro de seu confrade Jon Sobrino sobre o *princípio-misericórdia* na autenticidade cristã, em tempos de “baixar da cruz o povo crucificado” (SOBRINO 1992).² Desde o impactante “quem sou eu para julgar” - referindo-se a pessoas *gays* que buscam a Deus e procuram viver retamente - até a instituição do “Jubileu do Ano Santo da Misericórdia” (2015/2016), Francisco dá corpo e instituição ao que aborda espontaneamente, desde sua convicção.

A evangelização, por sua vez, ganha corpo e instituição nova. Não fica apenas em uma exortação, mas se torna um novo marco na reforma da Cúria romana: o Dicastério para a Evangelização ganha o primeiro lugar, deslocando para o segundo lugar a “super-congregação” que reinava no passado anterior ao Concílio sobre as demais, a da Doutrina da Fé, então chamada de Santo Ofício, pela qual tudo devia passar. Em Roma, herdeira do Direito romano, “a ordem dos fatores modifica os resultados”, ao contrário do que comumente se afirma. Por uma herança persistente, de zelo por hierarquia e precedências, quem vem antes é mais abrangente, e influencia os resultados do que vem depois. O Papa, buscando modificar a hierarquia das instituições curiais e do

² Os dois livros partem de contextos, perspectivas e métodos diferentes, mas se encontram e se completam.

governo da Igreja, ao colocar a Evangelização como primeiro Dicastério, também coloca todos os demais sob o crivo da evangelização. Nessa mudança ele executa justamente o que projetava João XXIII ao inaugurar o Concílio.

A postura básica da misericórdia na evangelização e da evangelização na base de toda a presença, do testemunho e ação da Igreja, porta consigo a justiça para com as vítimas, seja pela pedofilia, por toda forma de abuso de inocentes e vulneráveis, como pelo mau trato da economia na Igreja, duas feridas que Francisco herdou como um fardo. Nesse sentido, por exemplo, surpreendeu com sua rapidez e severidade, chamando a si e destituindo o bispo de Limburgo, Tebartz-van Elst, pela reforma luxuosa de sua residência. Da mesma forma, obrigou à renúncia e retirou o título de Cardeal a Giovanni Angelo Becciu por abuso na administração econômica. Já em termos de abusos sexuais, especialmente sobre menores e vulneráveis, o entendimento do Papa parece ser diferente do Dicastério para a Doutrina da Fé: são crimes imprescritíveis, em nível, portanto, de crime contra a humanidade, assim como este tipo de crime foi compreendido depois da Segunda Guerra Mundial. Um exemplo é a destituição do título de Cardeal e do exercício sacerdotal ao aparentemente poderoso arcebispo emérito de Washington, então com 88 anos de idade, Theodore McCarrick. Tal severidade, com punições definitivas, não contradizem a postura fundamental da misericórdia, mas estendem a misericórdia às vítimas, reabilitando-as de certa maneira através do reconhecimento, e dão oportunidade de expiação aos vitimadores, pois sem punição o perdão não seria eficaz, e ficariam paralisados, afundando em sua corrupção. Mas Francisco não ficou apenas em decisões pontuais, aperfeiçoou os mecanismos para correção e prevenção de abusos, criando comissões, protocolos, passando do cuidado à sua institucionalização, como convém a quem tem o governo de uma enorme instituição.

O problema estruturante: o clericalismo

É necessário, a esta altura, entrar na batalha de Francisco contra o clericalismo como forma de libertação do ministério hierárquico. Aqui também o assunto se imbrica com a sinodalidade. Para que haja condições de

real sinodalidade, de corresponsabilidade no exercício de carismas e ministérios na Igreja, a deposição de uma estruturação distorcida do poder clerical é decisiva. Para compreender a profundidade e a complexidade desta questão, convém uma revisitação da história da Igreja.

Segundo Paolo Prodi, é desviante a explicação de que a corrupção na Igreja advém sempre de fora dela, da cultura ou da política. Ele menciona a lendária interferência de Constantino inaugurando a virada e a era constantiniana na Igreja. Tornou-se recorrente culpar Constantino pelos males em geral da corrupção na Igreja. Sem inocentar as influências externas, Prodi constata, no entanto, no interior da própria Igreja, antes ainda de Constantino, sinais de corrupção, já apontados no próprio Novo Testamento, como a emblemática figura do anticristo, assim como em escritos dos Padres da Igreja. Prodi observa a novidade judaico-cristã da introdução de uma dualidade no exercício do poder, tendo em um polo quem que governa, mas em outro polo, com independência do primeiro, um princípio crítico de caráter profético. Este emerge com capacidade de inconformidade, contestação e chamamento ético à conversão e à reforma no interior da cristandade, inclusive nas cúpulas de poder, o rei ou o imperador. Tal tensão fecunda não se observa em muitas outras culturas em que o poder é reduzido a um único princípio, de caráter ao mesmo tempo político e religioso, seja o faraó ou o imperador romano, um único poder absoluto e divinizado. Na cristandade, mesmo em tempos de alta concentração de poder papal e episcopal, e mesmo com altas doses de corrupção, se mantém um princípio de reserva crítica de caráter espiritual e profético, capaz de reforma. Essa dualidade sem absorção em um único princípio do poder mantém uma importante tensão entre inculturação nas estruturas sociais, culturais e políticas e, ao mesmo tempo, uma transcendência crítica (PRODI, 2014).

Essa dualidade trabalha a Igreja por dentro, não só nas relações com o mundo. A corrupção pode ser considerada constitutiva da finitude, sobretudo em se tratando de seres vivos, e assim como toda comunidade humana sofre mais ou menos os desgastes da corrupção. A Igreja, por ser uma comunidade que deve dar testemunho da graça e da salvação, quando experimenta a

corrupção revela sua dimensão humana, mas também se torna mais lamentável do que outras instituições. É o que Ivan Illich analisa em seu último escrito: “A corrupção do melhor *engendra* o pior” (ILLICH, 2007). Illich não traduz o axioma *corruptio optimi pessima*, como seria literalmente, “se torna”, mas traduz por “engendra”, porque prolifera, contagia, inflama, devasta. Não é somente suscetível de corrupção, mas se torna corruptora, juntando corrupção passiva e ativa. Essa dinâmica é ontologicamente o exercício do poder no seu sentido luciferino, diabólico e demoníaco, ou seja, tem inteligência, cria divisão e tem poder de submissão e destruição. No cristianismo, sempre segundo Illich, pode-se chamar de atuação do anticristo, a apostasia que não se afasta, mas que ocupa o centro, o próprio lugar de Cristo, afastando e expulsando o Cristo verdadeiro. Na história da Igreja, o princípio crítico e profético pode atuar com a postura de Francisco de Assis ou de Lutero, mas ambos precisaram se posicionar diante do fascínio e da corrupção do poder no interior da Igreja.

Que o mal tenha poder, que não seja apenas uma falta ou ausência de ser, mas poder que, mesmo sendo de devastação e morte, seja fascinante e tentador, é parte de seu enigma. Em uma fenomenologia do verbo poder, assim como dos demais verbos auxiliares - ter, dever, estar, querer... - trata-se de potencialização do ser, o verbo por excelência. Já Aristóteles e depois Santo Tomás organizaram a ontologia na relação entre potência e ato, potência e ser. Necessita-se potência para ser e atuar, e somente em Deus essas duas categorias coincidem perfeitamente, Deus “é onipotente”. O ser humano busca angariar potência a seu pobre ser para se aproximar da divinização. Assim como na relação *ter e ser*, *saber e ser*, sobretudo o *poder* é o verbo ou a experiência que tenta *ser* deus. Quanto mais poder, ter, saber, mais honra e glória, mais autoafirmação, enfim mais próximo do brilho da divindade. Se Freud explorou a vontade de prazer e a sexualidade como motor da libido humana, foi Alfred Adler quem, com a filosofia de Nietzsche, viu na vontade de poder a libido por plenitude, libido que se expressa inclusive em agressividade, sobretudo quando alguma consciência de inferioridade luta por notoriedade, por autoafirmação e por “subir na vida”.

Agora pensemos o *poder sacro* na Igreja: é um poder divino que é doado, relativamente sem grande esforço. E para quem tem, em certa medida, a vontade de prazer na dimensão da sexualidade bloqueada por uma má integração do celibato perpétuo, é bem possível que haja uma concentração de libido no prazer e na agressividade do poder. Ser “porção eleita” - clero - para o exercício do poder sacro, no seu extremo pode levar a uma sensação de onipotência. E então o risco de perder os limites é iminente, praticamente certa. Essa análise pode ser uma caricatura que exige mais cuidado, mas é por onde se divisam as raízes do fascínio do poder e do clericalismo. E onde os abusos podem ser melhor compreendidos, não como influências externas, mas como um sistema com lógica própria.

Francisco tem se dirigido em diferentes circunstâncias diretamente aos clérigos, com um realismo pastoral e com uma linguagem às vezes irônica, ao estilo portenho, como, por exemplo, a confusão entre um paramento litúrgico e as “rendas da vovó”. O estilo de príncipes e de corte barroca para os prelados, as roupas sofisticadas, os carros de luxo para os clérigos, etc., são repreensões recorrentes em seus colóquios. É mundialmente reconhecida a sua simplicidade de vida e a simplificação que ele levou ao ambiente papal. Mas a questão ontológica e fenomenológica do poder sacro, examinado acima, tem uma instituição canônica na Igreja: o exercício monárquico do poder hierárquico, as decisões que, em última análise, ainda que os clérigos tenham boa vontade de ouvir, de criar conselhos e comissões, são os clérigos que detém a última palavra e a última decisão. A Igreja continua a ter um governo através de uma hierarquia monárquica e monocrática, e tal estrutura passa especialmente pelos bispos e pelos párocos. Disso decorre inclusive a dificuldade de ser bispo auxiliar ou vigário, como uma “cabeça auxiliar”. Se a sinodalidade não for apenas uma convicção e um exercício excepcional, precisa ganhar institucionalidade, e será necessário tocar, inclusive em âmbito de Direito Canônico, a questão da monarquia clerical. Poder partilhado ou poder que cresce na medida em que *empodera* os demais, segundo uma feliz definição de Hannah Arendt sobre o poder que se distingue e se opõe à violência, é poder como “capacidade de ação em conjunto”, que

se torna então poder criativo. O poder como domínio, com doses de agressividade para conter os demais, é violência que destrói o poder (ARENDR, 2010). Hannah Arendt pensou assim com rigor a distinção de duas formas de organizar a política, mas em nosso caso é útil para distinguir ministério de clericalismo para o exercício do poder em uma Igreja sinodal como insiste Francisco lembrando a categoria fundamental de Povo de Deus da *Lumen Gentium* e de todo o espírito conciliar.

Ad extra: uma fraternidade para além da religião, humana e criatural.

Se *ad intra* a preocupação de Francisco é a prioridade da evangelização, do “caminhar juntos”, da misericórdia hospitaleira, do despojamento clerical, *ad extra*, já na sua homilia inaugural, é a disponibilidade para o diálogo aberto em torno da paz e o cuidado para com a Criação. Aqui também temos gestos e palavras, visitas programadas e encíclicas combinadas.

O chamamento à paz tem inspirado a diplomacia vaticana a protagonizar alguns processos de aproximação entre nações, como Cuba e Estados Unidos, grupos em conflito no Sudão, assim como as recorrentes chamadas proféticas na atenção aos migrantes que atravessam o Mediterrâneo. A visita do Papa a Israel chegando através do muro que segrega os palestinos, a abertura do Ano Santo da Misericórdia em Bangui, capital da África Central em longo conflito interno, as conversações entre as partes em conflito no Sudão do Sul, são todas indicações do trabalho da diplomacia vaticana sob Francisco em favor de gestos, de diálogos e negociações de reconciliação e de paz.

As tensões com o patriarca russo Kirill, em torno da guerra na Ucrânia, a disponibilidade de mediação nas crises da Venezuela, e também a promoção de encontros internacionais de movimentos sociais populares, são demonstrações de seus posicionamentos. Revelam também seu destemor em face à crítica com escolhas políticas, colocando sua autoridade moral e sua Secretaria de Estado, com o corpo diplomático, a serviço do “amor político”,

expressão retomada de Pio IX e Paulo VI, sobre a política como a forma mais perfeita da caridade, que Francisco aprofunda na encíclica *Fratelli Tutti* (FT 180-197).

Na carta encíclica *Fratelli Tutti*, sobre a fraternidade e a amizade social, de certa forma o Papa se supera: da insistente chamada a uma “Igreja em saída”, ele passa a chamar o mundo inteiro para que seja um “mundo aberto”, ou seja, “em saída”, que se supere revertendo sua tendência ao fechamento, à fragmentação, à exclusão, à anti-comunicação. O diálogo e a amizade elevada ao nível social, a disponibilidade ao encontro e à fronteira como lugar de encontro, e não como muro de exclusão, são exortações que ganham carne e testemunho nas viagens e nos encontros, na interlocução do próprio Francisco.

No final da *Fratelli Tutti* há mais uma ousada “saída” - parafraseando, “religiões em saída”: as tradições religiosas são convidadas a se superarem na construção da fraternidade virtualmente universal para além de suas fronteiras. Ou seja, o horizonte da fraternidade universal está acima e além de cada tradição religiosa particular, o último horizonte não é a religião, mas é a fraternidade. É uma intuição e um salto de qualidade marcante na história das religiões, comparável à grande transformação acontecida no período ou “era axial”, denominação dada por Karl Jaspers a um período de 700 anos, de 990 a 200 AC, de grande transformação dos povos em toda região indo-europeia tendo como base uma transformação religiosa e ética. Karen Armstrong retoma e aprofunda tal denominação “era axial” ao redor da palavra “compaixão” que substitui o “sacrifício” e permite uma universalidade para além da própria fronteira tribal (ARMSTRONG, 2008). Nesse sentido, o Papa não temeu, em suas viagens, em se colocar ao lado de outros ministros e representantes religiosos como um deles, em diálogo de iguais, juntos para o que importa mais do que Igreja ou religião: a fraternidade. Essa lição, que incomoda de modo recorrente os tradicionalistas e conservadores, é uma liberdade evangélica e uma deposição de muitos séculos do estreitamento da compreensão de catolicidade na supremacia católico-romana.

Até onde vai a fraternidade? A cúpula do clima de Paris, em 2015, foi ocasião para outro marco na postura de Francisco: o cuidado da casa comum de todas as criaturas que, “pelo simples fato de existirem, louvam a Deus” (LS 69). A afirmação é tomada do Catecismo. O que importa é o enorme reforço dessa conjugação de cuidado ecológico e espiritualidade cristã da Criação na carta encíclica *Laudato Si'*, que se tornou uma espécie de manual de ecologia cristã e um ponto de partida de muitas iniciativas de estudo e de movimentos em torno do cuidado para com a Casa Comum.

Uma das características dos documentos de Francisco é que eles não apresentam tratados doutrinários do magistério católico simplesmente, mas têm todos um natural método de “ver-julgar-agir”. Em um primeiro momento, coloca as questões, os problemas, e ao mesmo tempo as suas raízes, as suas causas. Em um segundo momento, apresenta uma visão bíblica e cristã e uma chamada aos sujeitos eclesiais e históricos para que tomem esta visão em suas mãos. E, em um terceiro momento, as medidas e possibilidades de compromissos práticos. É um esquema que se repete, e que não surpreende um leitor acostumado a documentos das Igrejas na América Latina. No caso das cartas *Laudato Si'* e *Fratelli Tutti*, matiza a visão e os sujeitos de tal forma que apresenta o que é cristão aos que não estão familiarizados com a visão cristã e convida os sujeitos que são irmãos de outras tradições a também assumirem os engajamentos propostos. E, na terceira parte, sugere posturas práticas que podem caber a todos, cristãos e de outras tradições religiosas.

Considerações finais: Processos longos

Como uma espécie de balanço de dez anos de pontificado, podemos justificar, em primeiro lugar, a satisfação por uma sensibilidade tão latino-americana estar exercendo o encargo mais abrangente e marcante da Igreja. *Ad extra* há, de modo amplo, um respeito e uma admiração pelo Papa e seu magistério, que significou um novo olhar para o ministério pontifício, embora haja também críticas mais ou menos explícitas de governos e movimentos neoliberais e de direita que se sentem, por sua vez, identificados com os criticados pelas falas do Papa. *Ad intra* cresceram tensões inusitadas,

sobretudo o dissenso mais aberto de pessoas tradicionalistas e conservadoras, que evocam uma época tridentina e barroca da Igreja, portanto pré-conciliar e que, em uma condição planetária de complexidade grande e de pluralismo intenso, se voltam para a tentativa de uma identidade única, encerrada sobre si, em um movimento de *retrotopia* (BAUMAN, 2017), uma tentativa de volta a um passado que não pode mais existir, com risco de fragmentação e confusão. Francisco não se atém e nem parece gastar muita energia ou perder a alegria com polêmicas doutrinárias e litúrgicas, pontos nevrálgicos para seus críticos internos. Ele expressa sem dificuldade que não tem intenções de expor doutrinas exaustivamente, ou seja, deixa sua reflexão de caráter teológico aberto, até propositadamente. O seu ministério tem um olhar amplo, generoso, e convida a Igreja a ser assim também.

Mas diante da enorme urgência e do forte consenso sinodal amazônico de abrir o ministério presbiteral para *virii probati* - homens amadurecidos e líderes de comunidades, mesmo tendo sua família, portanto não celibatários - como também o diaconato para mulheres, que seria um salto de qualidade na evangelização, algo bíblicamente tranquilo, Francisco segura o passo. Cairia o diaconato sob a proibição de ordenação sacerdotal de mulheres emitida por João Paulo II? O fato é que Francisco parece, nesses casos, embretado em uma marcha a ré que não é bem do seu modo de pensar, não avança como suas falas e seu perfil. Seria para não levar adiante um processo que poderia fraturar a Igreja? Seria necessário um Concílio e não apenas um Papa? A questão permanece em aberto. Por um lado, Francisco valorizou de tal modo o documento sinodal, onde a modificação do ministério em vista de *virii probati* é pedida, que o colocou à altura de sua própria exortação. Mas por outro lado, em sua Exortação, tal possibilidade não está no horizonte, ao menos não no horizonte próximo.

Francisco precisou também enfrentar as misérias contemporâneas da Igreja. Quando assumiu o ministério pontifício, havia alguns clamores em torno do Papado. As chagas da corrupção vaticana, revelada no *vatileaks*, assim como as revelações de pedofilia no seio da Igreja, exigiam medidas enérgicas, que estão encaminhadas, e há alguns resultados que permitem

verificar uma curvatura ascendente, ainda que as chagas fiquem abertas por longo tempo. Dessa miséria podemos aprender de forma dolorosa o que significa a *opção preferencial pelos pobres*: descobrimo-nos também na condição de miséria, até mais constrangedora, a miséria moral, uma Igreja que se acredita “perita em humanidade” (Paulo VI) e se vê no banco dos réus aos olhos de todo mundo. O primeiro degrau da opção pelos pobres é colocar-se solidariamente na mesma condição. Em termos de miséria e perda de importância, assim como são os pobres, ser agora como Igreja um grupo preferencial de diversas formas de desprezo... disso agora sabemos.

No entanto, há outras inquietações e clamores que estavam postas no começo de seu pontificado, que ainda preocupam: a renovação do modo de nomeação de bispos ao redor do mundo e da atuação das nunciaturas apostólicas, que detém grande poder nas nomeações episcopais. A reforma da estruturação global da cúria romana está dada depois de uma porção de anos com a ajuda do Conselho de Cardeais. O Dicastério dos bispos e as Nunciaturas estão contempladas nessa reforma em uma questão tão nevrálgica? Se são detalhes a serem normatizados, não são detalhes insignificantes. Pelo contrário, são hoje uma grande interrogação: grande parte do episcopado, mesmo da porcentagem nomeada por Francisco, continua a ter posições que não estão à altura de Francisco. Uma oposição aberta, chegando até os meios de comunicação, é levada adiante por uma minoria, mas conta com algumas figuras significativas. Há, no entanto, muitos prelados silenciosos que dão a impressão de resistência passiva ou de mediocridade. Francisco interveio claramente em algumas escolhas que combinam com seu perfil, mas parecem ser intervenções pontuais e estratégicas, e não são a normalidade das nomeações. Deixará Francisco sua marca no episcopado como deixou, por exemplo, João Paulo II?

A observação acima, seja qual for o grau de sua veracidade, não retira o testemunho, a confirmação da fé dos irmãos, o acerto de suas intervenções pessoais, a palavra profética e evangélica, a alegria e o bom humor de Francisco. Ele é, antes de tudo, um pastor, tem realmente “o cheiro das ovelhas”, exerce uma presença profética no mundo contemporâneo. A sua

paciência para “caminhar juntos” terá sido a sua melhor lição. Nele o melhor jeito da Igreja latino-americana, de Medellín, Puebla, Santo Domingo a Aparecida, se tornou magistério pontifício.

REFERÊNCIAS

- ARENDRT Hannah, *Sobre a Violência*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- ARMSTRONG Karen, *A grande transformação*. O mundo na época de Buda, Confúcio e Jeremias. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- BAUMAN Zygmunt, *Retrotopia*. São Paulo: Zahar/Companhia das Letras, 2017.
- BERGOGLIO Jorge Mario. *Corrupción y pecado*. Algunas reflexiones en torno al tema de la corrupción. Buenos Aires: Ed. Claretiana, 2005.
- ILLICH Ivan. *La corruption du meilleur engendre le pire*. Paris: ActesSud, 2007.
- KASPER Walter. *A misericórdia: condição fundamental do Evangelho e chave da vida cristã*. 2ª ed. São Paulo: Ed. Loyola. 2015.
- PAPA FRANCISCO, Discurso por ocasião da comemoração do cinquentenário da instituição do Sínodo.
https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/october/documents/papa-francesco_20151017_50-anniversario-sinodo.html - Acesso: 12/04/23
- PRODI Paolo. Corrupção na Igreja: existe uma era constantiniana? *Concilium Revista Internacional de Teologia* n. 358 (2014/5), 71-83. Petrópolis: Vozes, 2014.
- SCATENA Sílvia; SOBRINO Jon; SUSIN Luiz Carlos. Pais da Igreja na América Latina. *Concilium*, Revista Internacional de Teologia n. 333, 2009/5. Petrópolis: Vozes, 2009.
- SOBRINO Jon. *O princípio misericórdia: descer da cruz os povos crucificados*. Petrópolis: Vozes, 1992.
- VAZ, Henrique Cláudio de Lima et al. Igreja reflexo vs. Igreja fonte. *Cadernos Brasileiros*, Guanabara, n. 46, p. 17-22, mar./abr. 1968.

Aceito em 20/06/2023

Luiz Carlos Susin

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma (1979-1983). Atualmente é professor na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul como professor permanente e pesquisador do programa de pós-graduação em Teologia, professor na Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana, de Porto Alegre, membro da Equipe Interdisciplinar de Assessoria da Conferência dos Religiosos do Brasil, Secretário Geral do Fórum Mundial de Teologia e Libertação. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-9475-8941>, E-mail: lcsusin@pucrs.br.